

## O cantar de Clara Nunes e o texto do mundo de Mia Couto: ato pedagógico e conhecimento sensível como problemas de pesquisa

Raissa Salgado Rodrigues <sup>1</sup>

Carolina Cantarino Rodrigues <sup>2</sup>

### Resumo

A presente pesquisa possui o intuito de tecer relações entre música, literatura e produção do conhecimento, tomando como problema de pesquisa a emergência de percepções, sensações e de um conhecimento sensível na relação imediata com obras de arte e suas implicações para se pensar o próprio ato pedagógico. A partir de conceitos extraídos das ciências humanas e sociais – como educação da atenção, de Tim Ingold, de intuição, de Henri Bergson, devir, de Gilles Deleuze e conhecimento sensível, de Rosa Slegers – a obra *Antes de Nascer o Mundo* (2009) de Mia Couto e as canções de Clara Nunes foram trabalhadas de modo que as suas conexões com a produção de conhecimento foram materializadas no ato pedagógico da escrita.

**Palavras-chave:** Devir. Educação da atenção. Intuição. Literatura. Música

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas. Limeira, SP, Brasil. E-mail: [raissa.salgadofca@gmail.com](mailto:raissa.salgadofca@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas, Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Limeira, SP, Brasil. E-mail: [carolina.rodrigues@fca.unicamp.br](mailto:carolina.rodrigues@fca.unicamp.br).

### Introdução

O objetivo geral desta pesquisa foi estabelecer relações entre a arte e as possibilidades de produção do conhecimento acadêmico, tomando como principal caminho, para tal, a emergência de percepções, sensações e de um conhecimento sensível na relação imediata com as obras de arte. Deste modo, é possível iniciar a construção de novos sentidos de ato pedagógico, isto é, a ação de tomar contato com materiais – didáticos ou não – e, a partir deles, expressar suas conclusões, afetos, impressões, etc., acerca dos mesmos, materializando tais ideias sob a mesma forma inicial do material – texto, imagem, desenho, etc. – ou até criando expressões novas.

Para isso, a partir de uma abordagem interdisciplinar, foi realizado um estudo sobre conceitos extraídos da Filosofia e das Ciências Humanas e Sociais, como a educação da atenção (INGOLD, 2010), a intuição (de Henri Bergson) e o conhecimento sensível (SLEGERS, 2016). Um dos desdobramentos do objetivo geral foi justamente as relações estabelecidas com a obra de Mia Couto e a discografia de Clara Nunes, em textos que expressam possibilidades de expressão do ato pedagógico, cuja materialização ocorreu na própria escrita.

### Metodologia

A pesquisa em questão foi dividida em duas etapas principais, tal como apresentado a seguir: (1) levantamento bibliográfico, seleção e estudo de conceitos oriundos da filosofia e das ciências humanas e sociais; e (2) confecção de textos que relacionaram os conceitos estudados durante a primeira etapa, com a literatura de Mia Couto e a discografia de Clara Nunes, a fim de materializar as possibilidades encontradas para o ato pedagógico, a partir de um contato imediato da pesquisadora com as obras de arte selecionadas.

A metodologia utilizada não consistiu em algo pré-estabelecido, pois, nesse contexto de pesquisa, temos a arte e a emergência de percepções e sensações como elementos-chave da investigação; isto, portanto, exigiu que a metodologia de investigação se alinhasse com o comportamento desses “objetos” e não o contrário. Deste modo, adotamos como procedimento metodológico a instauração de relações e associações que foram sendo criadas no ritmo da leitura e do estudo dos materiais que compõem essa pesquisa, algo inspirado na cartografia sentimental:

A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos (ROLNIK, 1989, s/p).

Na medida em que se propõe a experimentar, o cartógrafo deve se engajar, participar e seguir os conhecimentos e materiais em função daquilo que pede o seu problema de pesquisa. Por isso, ele não segue nenhuma espécie de protocolo normalizado de pesquisa (ROLNIK, 1989). Esse é o sentido das experimentações de escrita realizadas ao longo da pesquisa: em vez de explicar, interpretar ou comentar a obra, remetendo-a ora à biografia de seu autor, ora ao seu contexto histórico e/o social (da qual ela seria expressão). Nessa pesquisa, preferimos adotar, como procedimento principal, o afeto e a relação imediata com as obras (ou seja, sem a mediação da biografia e do contexto histórico, buscando devolver as obras a si mesmas).

Esse modo de se relacionar e ser afetado (FRAVRET-SAADA, 2005) foi entendido como uma nova possibilidade pedagógica. No momento em que foram feitas as experimentações com a escrita e durante a leitura da obra de Mia Couto, a discografia de Clara Nunes podia ser ouvida ao fundo simultaneamente, pois, desse modo, era criada uma atmosfera de imersão na música e na literatura e, ao final dessa imersão e sensibilização, foi possível compreender uma forma de expressão do ato pedagógico que se manifestou através da escrita.

## Resultados

Como resultado dessa pesquisa, destacamos a realização de experimentações com a escrita, cujos textos produzidos apresentam relações tecidas entre os conceitos estudados durante a revisão bibliográfica realizada e as obras de arte trabalhadas nesta pesquisa. Esperamos, com eles, suscitar futuras discussões sobre arte, produção de conhecimento e, conseqüentemente, sobre o próprio ato pedagógico.

O texto abaixo faz parte do conjunto de experimentações de escrita que compõem os resultados finais desta pesquisa. Nele, foi utilizado o conceito de devir (DELEUZE, 1997) em sentido prático, incorporando-o no próprio processo de confecção do texto, que surgiu a partir do contato com as obras de Gilles Deleuze e Mia Couto, e tudo aquilo que elas foram capazes de despertar na pesquisadora. Neste sentido, abaixo apresentamos uma possibilidade alternativa para a produção do conhecimento científico, que se relaciona com música e literatura e que é, por sua vez, uma expressão do ato pedagógico, tal como mencionado no início deste texto.

**Quadro 1 – Escrever e Delirar**

*Em Crítica e Clínica, Deleuze aponta para a criação de uma nova língua, no cerne de uma já existente, a qual propõe-se a romper com os limites da própria gramática que a originou. Mas a quem cabe então a tarefa de perfurar buracos na linguagem, a fim de explorar, extrapolar e fundar novos sentidos para a mesma? A tarefa fica, se direciona a uma figura enlouquecida, que é “vidente, ouvitor, mal visto mal dito e um colorista, um músico” (DELEUZE, 1997, p. 09). Cabe ao escritor. “Antes do nascer do mundo” leva o nome do escritor Moçambicano Mia Couto, porém ele não escreve por ele mesmo, pois assume uma terceira pessoa, que nasce para destituí-lo do poder de dizer Eu (DELEUZE, 1997, p. 13). Mwanito é a voz que Mia assume para arrastar as palavras, fazendo a língua delirar numa dimensão que podemos chamar de Devir-Mwanito.*

*Devir-Mwanito: Esse velho enlouqueceu. É o pior e que o gajo não gosta de mim.*

*Deleuze: Ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provem do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe, contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis.*

*Devir-Mwanito: Meu pai perdeu os Nortes. Ele vislumbra coisas que ninguém mais reconhece.*

*Deleuze: Silvestre enquanto tal, não é doente, mas antes médico, médico de si próprio e do mundo. Pecar por excesso de realidade ou de imaginação é a mesma coisa.*

*Devir-Mwanito: Todas as histórias que o pai inventava sobre os motivos de abandonar o mundo, todas aquelas fantasiosas versões tinham um único propósito: empoeirar-nos o juízo, afastando-nos das memórias do passado.*

*Deleuze: É o delírio que ele inventa - que o inventa - como processo que arrasta as palavras e coisas de um extremo a outro do universo. São acontecimentos na fronteira de seu mundo.*

*Devir-Mwanito: Ora, viver e cumprir sonhos, esperar notícias. Silvestre não sonha, nem aguarda notícia. No princípio, ele queria um lugar onde ninguém se Lembrasse do seu nome. Agora, ele próprio já não se lembrava quem era.*

...

*Deleuze: A vergonha de ser um homem: haverá razão melhor para escrever uma nova história e renascer para a vida?*

*Mia Couto está num devir-Mwanito e também num devir-Silvestre (Vitalício), dono de toda a dor, neurose e esquisitice da história. É o devir-Silvestre que mais incomoda, que de fato delira a língua portuguesa moçambicana de Mia-Mwana-Vitalício.*

*Deleuze: A saúde consiste em inventar um povo que falta. Compete a função fabuladora inventar um povo.*

*Devir-Mwanito: Quando nos mudamos para Jesusalém (país inventado por Vitalício), meu pai nos conferiu outros nomes. Rebaptizados, nós tínhamos outro nascimento. E ficávamos mais isentos de passado.*

*Deleuze: - ....*

*Devir-Mwanito: Talvez essa neurose seja legado de minha mãe, Dona Dordalma, quem podia ter a certeza? De tão calada, ela deixara de existir e nem se notara que já não vivia entre nós, os vigentes vivos. Lembro-me que no funeral da nossa mãe, Silvestre fechou os olhos e viu que Dordalma não tinha morrido. O braço, cego, estendeu-se na penumbra e desde então, nunca mais ele proferiu o nome dela, nem evocou lembrança do tempo em que tinha sido marido. Queria tudo isso calado, sepultado em esquecimento e inventou uma loucura em Jesusalém.*

*Deleuze: A neurose, a psicose não são passagens de vida, mas estados em que se cai quando o processo é interrompido, impedido, colmatado.*

*Contudo, escrever não é um estado de loucura, mas um caminho para a cura daquele que a concebe, onde o escritor age como médico de si mesmo, uma vez que “o mundo e o conjunto dos sintomas cuja doença se confunde com o homem” (DELEUZE, 1997, p. 13). Mas “qual saúde bastaria para libertar a vida em toda parte onde esteja aprisionada pelo homem e no homem, pelos organismos e gêneros e no interior deles?” (Idem, 1997, p. 14). Bastaria uma saúde que invente, que crie um devir- (re)nascimento para a vida, uma fuga do mundo, alojado no cerne da meta- língua.*

**Referências bibliográficas**

- COUTO, M. **Antes de Nascer o Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.
- FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.
- INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010.
- LAPOUJADE, D. **Potências do Tempo**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.
- NUNES, C. **O canto das três raças**. Rio de Janeiro: Odeon, 1976. Disco sonoro.
- ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental – Transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.
- SLEGGERS, R. Conhecimento sensível (felt knowledge) e vulnerabilidade corajosa (courageous vulnerability): um estudo sobre a memória involuntária no livro. Em busca do tempo perdido através das filosofias de William James e Henry Bergson. **ClimaCom – Pesquisa, Jornalismo e Arte**, v. 3, n. 5, 2016.